

PEREIRA, Reina Marisol Troca, *Inconfidências de um ilustre desconhecido: Álcifron, Epístolas*. Tradução do grego, com estudo introdutório e comentário. Coimbra, Imprensa da Universidade (Série Autores Gregos e Latinos), 2023, 239 pp. ISBN 978-989-26-2549-2

A obra em epígrafe apresenta uma versão para língua portuguesa das epístolas de Álcifron (pp. 73-194), acompanhada de notas que se revelam bastante profícuas, uma vez que permitem ao leitor suplantar dificuldades de significação, interpretação e contextualização do texto.

Depois de uma nota laudatória, a Autora apresenta um “Exórdio” (pp. 15-18), no qual dá conta da disponibilização de cento e vinte e três cartas de Álcifron, repartidas por quatro grupos sociais. Aventa de seguida uma interpretação para o nome do *rhetor* aticista Álcifron e para as suas vivências. A parte seguinte, intitulada “Divulgação” (pp. 19-26), reparte-se em três: “A. *Conspectus Codicum*”, “B. Edições” e “C. *Tabula – Numerorum Epistularum Index*”. No início da “Divulgação”, ficamos a saber que as *Epístolas* de Álcifron permaneceram obliteradas durante séculos após a sua lavra. No “*Conspectus Codicum*” (pp. 19-24) são expostas referências a todo o acervo manuscrito existente, organizado por séculos, destacando a Autora que nenhum dos manuscritos retrata o original. Muito útil e importante é a declaração de que o *stemma codicum* em reescrita denota quatro ramos a partir do original (X), pois permite avaliar e compreender de forma clara as tribulações que as epístolas sofreram ao longo do tempo. As “Edições” são reveladas nas páginas 24 e 25, dando-nos a Autora conta de que a *editio princeps* surge em 1499, no final do *Quattrocento*, por ordem de Marcus Musurus (*Ald.*), edição Aldina. Na “*Tabula – Numerorum Epistularum Index*” (pp. 25-26) emparelham-se as cartas de acordo com os critérios da edição de 1905, da autoria de Teubner. Segue-se a parte intitulada “Considerações Formais” (pp. 27-31), dividida em “A. Estrutura” (pp. 27-29) e “B. Estilo” (pp. 29-30). Na primeira, de forma muito acertada, assevera-se que “de ‘cartas’, apenas a categorização, porquanto tudo o mais configura um rol de tiras de uma novela epistolográfica, encapotada sob missivas não

remetidas fisicamente” (pp. 27-28). Na segunda, Reina Marisol tece um importante conjunto de ideias sobre o estilo do *rethor*, salientando que os registos epistolares de Álcifron se apresentam em prosa, numa linguagem cuidada, “em ático puro (...) sem ceder a coloquialismos diastráticos nem a obscenidades” (p. 29), o que lhe mereceu lugar “numa lista de autores merecedores de emulação” (p. 29). Na parte intitulada “Identidade Helénica – Segunda Sofística: o reviver de *topoi* clássicos” (pp. 33-36), a Autora afirma com propriedade que, “[e]mbora sem fontes e modelos declarados, a análise textual posterior permite, com as devidas reservas, de um tanto manancial de autores e obras desconsiderados ou ocultados no trânsito temporal, salientar alguma aproximação ou nota de conhecimento face a Luciano; epistológrafos do mundo clássico; Comédia Antiga e Nova gregas” (p. 33). A Autora alude também à reutilização por parte de Álcifron das figuras-tipo dramáticas da *Nea*, bem como referências diretas a Homero, Menandro, Auctócton e à utilização de “máximas proverbiais” (p.33) e de “*gnomai* vulgarizadas” (p. 33). Na continuação, a Autora apresenta algumas considerações acerca do género das cartas e dos *topoi* nelas expressos. São referidas, também, as lições de cariz filosófico e éticas que se podem observar em Álcifron. A parte sequente denominada “Figurantes” (pp.37-58), reparte-se em três: “A. Titulares” (pp. 37-49), “B¹. Nomeados Ignotos” (pp. 49-56) e “B². Nomeados com História” (pp. 56-58). No início de “A. Titulares”, Reina Marisol expõe um conjunto completo de entradas de nomes próprios “com etimologias do âmbito da classe social retratada em conformidade com os trabalhos adscritos nas civilizações da Antiguidade Clássica, por essência patriarcais e misóginas” (p. 37). A existência desses nomes falantes permite ao leitor conjecturar “ilações no sentido de interpretar porventura um certo reflexo social envolto, bem como alguma crítica” (p. 37). Em “B¹. Nomeados Ignotos”, a Autora lista um pertinente e completo conjunto de antropónimos (em tradução e com apreciações etimológicas) relacionados com elementos da natureza, fauna e flora, com a comédia Antiga e Nova, nomeadamente com Menandro (títulos, personagens, entre outros), com o mito, com a astronomia, com a religião, com a dança, a poesia e a música, com a filosofia, etc. Em “B². Nomeados com História”, embora os figurantes das cartas detenham um carácter fictício, Reina Marisol elenca um conjunto de antropónimos que se identificam do ponto de vista biográfico com reconhecidos vultos sociais homónimos. Na parte “Da Tradução” (p. 59) a estudiosa dá-nos conta da edição crítica que serviu de base à versão da sua tradução. Sem qualquer dúvida, o texto grego editado por Schepers em

1905 continua atual e é ainda uma das maiores referências críticas no que diz respeito às epístolas de Álcifron. O texto traduzido pela Autora é precedido por “uma tabela de conteúdos com a listagem das epístolas referenciadas por emissor, destinatário e, entre colchetes, uma linha sumária da trama” (p. 59), intitulada “Álcifron. *Epístolas*. Tabela Sinótica” (pp. 61-72). Na parte intitulada “Do Retórico Álcifron” (pp. 73-194), apresenta-se a cuidada tradução das cartas acompanhadas por um pertinente e esclarecedor número de notas que permitem ao leitor uma melhor compreensão. A cada carater corresponde um livro: de pescadores (pp. 73-92), de rústicos (pp. 93-118), de parasitas (pp. 119-156) e de heteras (pp. 157-192).

A lista das referências bibliográficas (pp. 195-203) que serviu de suporte às *Inconfidências* é pertinente e muito completa, refletindo o estado arte na atualidade. Por fim, evidencie-se a “Numerorum Epistolarum Index” (pp. 205-207) e o “Index Nominum” (pp. 209-?) que se apresentam muito úteis para o leitor. Refira-se que a última página numerada é a 235, apresentando-se as subseqüentes sem paginação, o que se trata claramente de um erro de impressão.

É, pois, com bastante contentamento que exaltamos a publicação deste livro (em versão dupla: impressa e digital), a qual incita a pensar sobre os motivos que levaram Álcifron a escrever um conjunto de epístolas que apresentam esboços de cenas e situações capturadas numa espécie de tempo real, descritas com alguma vivacidade, em que a estrutura formal é um mero pretexto existente ao serviço de uma explanação preciosa e bem escrita. Volvidos cerca de mil e oitocentos anos, as cartas fictícias do *rhétor* Álcifron continuam a maravilhar-nos, desta sorte na língua de Camões.

ADRIANO MILHO CORDEIRO

Investigador Colaborador do CECH/Universidade de Coimbra

adrianomilhocordeiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9267-4691>

